

Mídia e Práticas Socioculturais: sons, imagens e palavras dos refugiados sírios

Paulo Celso da Silva

Aparecida M.R. Oliveira

Luiz Carlos Rodrigues

Renata Puertas Ernandes

Resumo: A categoria social de refugiado foi reconhecida pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), em Convenção, em 1951, definindo como pessoas que escaparam de conflitos armados e/ou perseguições e necessitam asilo em outro país. A guerra na Síria, nos seis anos de duração, provocou o deslocamento de mais de cinco milhões de sírios por quase todo o mundo. Esta pesquisa aborda como a mídia representa os sírios por meio da análise de fotografias postadas em sites, assim como nas rádios Al-Ghad (Iraque) e Refugee Rádio Network (Alemanha). Em ambos os suportes, o refugiado se vê representado, mas também estigmatizado. A entrevista com um refugiado Sírio em Sorocaba/SP completa o quadro de impressões. Para dar conta, apoiamos-nos nas reflexões territoriais de Appadurai, Santos, Haesbaert.

188

Palavras-Chave: Mídia. Práticas Socioculturais. Refugiado. Território. Globalização.

Introdução

Não sou de lugar nenhum. Nenhuma pátria me pariu
Titãs

A questão dos refugiados não é recente, assim como as soluções encontradas para amenizar os problemas decorrentes da fuga em massa de um território em conflito ou que tenha passado por catástrofes naturais de grandes proporções (tsunamis, terremotos, maremotos). Desde março de 2011, quando adolescentes que pintavam palavras de ordem foram presos e torturados pelas forças de segurança locais, a Síria encontra-se em conflito, sendo que em 2012, os enfrentamentos entre militares do governo e os grupos de resistência, chamados de grupos rebeldes, chegaram a Damasco e Aleppo. O apoio militar e bélico internacional, tanto para o governo quanto para os demais grupos, ajuda a intensificar e a prorrogar a guerra civil.

As destruições, mortes e atrocidades colocaram em trânsito, somente na Síria, um contingente de mais de 5 milhões de pessoas (UNHCR/ACNUR, pág. 3), contudo o número total de refugiados no mundo, conforme o relatório da UNHCR/ACNUR aponta para 2015, atinge o total de 65,3 milhões de pessoas forçadas a deslocarem-se de sua origem. Desse total, o estudo divide: 21,3 milhões pessoas eram refugiadas (16,1 milhões sob a responsabilidade da ACNUR; 5,2 milhões de refugiados palestinos registrados por UNRWA); 40,8 milhões de pessoas em deslocamentos internos e 3,2 milhões de solicitantes de asilo. Considerando essa quantidade de pessoas em um país, ele seria considerado o 21º mais populoso do mundo.

Deslocamentos e refugiados levam a criação de campos de refugiados, dos quais Jabaliya, na Faixa de Gaza (Palestina) conta, desde sua criação em 1948, depois do fim da guerra árabe-israelense, com 110 mil pessoas e Sahrawi, na Argélia abrigando 90 mil pessoas, em um complexo de 5 campos, os africanos do oeste do deserto do Saara que fugiram dos conflitos com forças marroquinas, por questões territoriais, na década de 1970. Atualmente, os dez campos de refugiados, considerados os mais populosos são:

1. Kakuma (Quênia)

População (2015): 184,550

Estabelecido ou reconhecido em:1992

Ocupantes principalmente de: Sudão Sul, Somália

Tipo de Assentamento: acampamento planejado / gerenciado

2. Hagadera (Quênia)

População (2015): 105,998

Estabelecido ou reconhecido em:1992

Ocupantes principalmente de: Somália

Tipo de Assentamento: acampamento planejado / administrado

3. Dagahaley (Quênia)

População (2015): 87,223

Estabelecido ou reconhecido em:1992

Ocupantes principalmente de: Somália

Tipo de Assentamento: acampamento planejado / administrado

4. Ifo (Quênia)

População: 84,089

Estabelecido ou reconhecido em:1992

Ocupantes principalmente de: Somália

Tipo de Assentamento: acampamento planejado / administrado

5. Zaatari (Jordânia)

População (2015): 77,781

Estabelecido ou reconhecido em:2012

Ocupantes principalmente de: Síria

Tipo de Assentamento: acampamento planejado / administrado

6. Yida (Sudão Sul)

População (2015): 70,331

Estabelecido ou reconhecido em:2012

Ocupantes principalmente de: Sudão

Tipo de Assentamento: acampamento auto estabelecido

7. Katumba (Tanzânia)

População (2015): 66,416

Estabelecido ou reconhecido em:1972

Ocupantes principalmente de: Burundi

Tipo de Assentamento: acampamento auto estabelecido

8. Pugnido (Etiópia)

População: 63,262

Estabelecido ou reconhecido em:1993

Ocupantes principalmente de: Sudão Sul

Tipo de Assentamento: acampamento planejado / administrado

9. Panian (Paquistão)

População: 62,264

Estabelecido ou reconhecido em:2008

Ocupantes principalmente de: Afeganistão

Tipo de Assentamento: acampamento planejado / administrado

10. Mishamo (Tanzânia)

População: 62,264

Estabelecido ou reconhecido em:2014

Ocupantes principalmente de: Burundi

Tipo de Assentamento: acampamento auto estabelecido

Ainda conforme o relatório da UNHCR/ACNUR (pág. 3) os principais países de acolhida são: 1. Turquia (2,5 milhões); 2. Paquistão (1,6 milhões); 3. Líbano (1,1 milhões); 4. Rep. Islâmica do Iran (979.400); 5. Etiópia (736.100); 6. Jordânia (664.100). Para o Brasil, o relatório indica, para 2015, um total de 8707 refugiados, sendo que 1.753 são assistidos pela ACNUR. Destaque para os 20.815 solicitações de asilo pendentes e as 6.424 pessoas de interesse da ACNUR (não pertencem aos demais grupos mas estão sob proteção e/ou assistência da agência) e 4 pessoas consideradas apátridas pela ACNUR. A Colômbia é o país, do mundo, com maior número de pessoas deslocadas de sua origem 8.405.265, segundo dados atualizados do *Registro Único de Víctimas* (RUV) (RED NACIONAL... 2017).

As soluções para os refugiados que são destinados aos campos, longe de ter seus problemas resolvidos, também criam desajustes internos no país de acolhida. Outro dado importante, destacado por Kilian Kleinschmidt, que por 25 anos trabalhou na UNHCR, para a revista de arquitetura *eZeen Magazine's*: "Estas são as cidades de amanhã", disse Kleinschmidt dos campos de refugiados em rápida expansão na Europa. "A média de permanência hoje em um acampamento é de 17 anos. Isso é uma geração." (RADFORD, 2015).

A proposta de Kleinschmidt para empoderamento das pessoas nos campos de refugiados conecta-os ao contemporâneo e não apenas às necessidades mais básicas de sobrevivência que, na sua análise, é a visão que as instituições de ajuda humanitária e grande parcela da população mundial tem dos refugiados. Parte dessa representação no imaginário popular advém dos meios de comunicação que os representa como pessoas pobres, necessitados. Ainda que essa seja uma das imagens possíveis, muitos refugiados trazem consigo toda a formação que conseguiram em seus países, muitas vezes formação universitária, especializações e domínio de várias línguas. Sem contar que a utilização da tecnologia pode trazer ganhos e, também, baratear os investimentos que ajuda internacional faz nos campos. É o caso da utilização da energia solar, do uso racional de água, por exemplo.

Entretanto, as propostas do especialista da UNHCR para o *Zaatari Camp* na Jordânia, indicam contradições, quando pensamos na formação/produção de novos territórios e suas relações com os antigos. Um deles é que assumimos social e internacionalmente a necessidade, cada vez maior, de campos de refugiados, não para resolver questões políticas e sociais, mas para minimizar a vivência dos atores não hegemônicos na globalização, a saber, a grande maioria da população civil que não participa diretamente das indústrias globais, por exemplo a indústria bélica.

No plano ideológico, parece existir uma tentativa dos meios de comunicação, em conjunto com setores industriais e de serviços internacionais em retirar do conceito de "refugiado", toda carga negativa e de fracasso social que ela carrega. Fracasso no sentido de nossa própria humanidade, de não sermos capazes de resolver os problemas de maneira mais abrangente, contentando-nos em sermos meros observadores do que sucede com outros humanos.

Questões surgem das propostas de Kleinschmidt, a de saber: em sendo os campos de refugiados cidades do futuro, teremos a circulação contrária de pessoas, ou seja, os habitantes dos países ricos se deslocarão para viver lá? Ou teríamos uma especulação turística como ocorre em favelas e bairros pobres pelo mundo, onde turistas fazem “safari urbano”, em expedições nos “territórios selvagens”?

Appadurai (1997, pág. 33) vai argumentar que “precisamos pensar para além da nação... ao focar com atenção uma dimensão da nação moderna — a territorialidade”.

Dos territórios aos Multiterritórios

Talia Radford: How do refugees know where to go? Via the media?

Kilian Kleinschmidt: No, it's all done through Whatsapp!

Inicialmente, a noção de local implica identidade, memória, traços culturais, cotidianidade e relações sociais mais estreitas e pessoais, estando arraigadas em determinada porção espacial. Santos (2007, pág. 157) vai afirmar que:

A palavra não-lugar, por exemplo, posso continuar utilizando, mas saberei que isso não existe, não há um não-lugar. Um não-lugar é uma metáfora boba e, quando eu a uso, estou suprimindo a capacidade de analisar o que se passa hoje. Porque a globalização é um período no qual os lugares tem um valor que nunca tiveram antes. Nada se faz sem ser em função de um lugar. E as coisas valem hoje, mais do que nunca, em função dos lugares. É por isso que os atores hegemônicos escolhem lugares: as empresas escolhem os seus e deixam os outros para os atores não-hegemônicos. Então a palavra não-lugar corresponde a uma moda, mas não a um modo, ela perturba o processo de análise da realidade

Assim, o local dialoga com o território dos Estados-nação, em geral, conflitando com os projetos que a política e a economia oferecem ou impõem ao território delimitado por fronteiras, língua, povo, nacionalidade dado o fato de que as respostas locais são imediatas ao vivido que implicará, no plano político na definição da cidadania que, ao contrário da heterogeneidade vivida, considera no seu conjunto um povo homogêneo e com direitos padronizados. Esse projeto político standard contradiz com as práticas territoriais dos estados nação que reconhecem alguns e não reconhecem outros cidadãos (Israel não reconhecer os palestinos é um exemplo).

Outra implicação dessa relação conflitante pode ser pensada pelas práticas territoriais, concretas e imaginárias, dos movimentos nacionalistas:

Na Europa contemporânea, de fato, o divórcio entre etnonacionalismo e território toma forma de um reverso perturbador que cada vez mais conforma os movimentos neofascistas da Alemanha, Hungria e outras regiões; seu argumento é simplista: onde quer que os alemães estejam, estamos na Alemanha. Aqui — longe do argumento romântico de que sangue, terra, língua e talvez raça sejam as fundações isomórficas do sentimento de nacionalidade — há o argumento especificamente invertido de que a afiliação étnica gera o território. Assim, o sentimento germânico cria a terra alemã, ao invés de ser seu produto.

Ocorre a reterritorialização e desterritorialização:

Esta inversão é uma patologia possível, mas não necessária, da diáspora porque envolve um processo de reterritorialização que antecede o processo de desterritorialização. Trata-se mais exatamente da patologia do nacionalismo territorial provocada pela especificidade histórica da ideologia nacional-socialista alemã, pela história particular da formação do Estado na Europa após o império Habsburgo e pela tentadora contiguidade dos alemães "étnicos" separados por fronteiras estatais relativamente recentes.

Nessa relação entre desterritorialização e reterritorialização, quando analisamos os campos de refugiados e toda a luta pela construção e produção da vida, parece-nos mais acertado considerar a existência da multiterritorialidade, dado que:

Multiterritorialidade aparece como uma resposta a esse processo identificado por muitos como “desterritorialização”: mais do que a perda ou o desaparecimento dos territórios, propomos discutir a complexidade dos processos de (re)territorialização em que estamos envolvidos, construindo territórios muito mais múltiplos ou, de forma mais adequada, tornando muito mais complexa nossa multiterritorialidade. Assim, a desterritorialização seria uma espécie de “mito”, incapaz de reconhecer o caráter imanente da (multi)territorialização na vida dos indivíduos e dos grupos sociais (Haesbaert, 1994, 2001b, 2004).

193

Um pensamento múltiplo possibilita a abertura para novas perspectivas políticas na globalização e de outros arranjos nacionais a serem criados no convívio entre os diferentes territórios compostos. Convívio que, necessariamente deve incluir a formação de redes entre os diferentes territórios formados, possibilitados pelas tecnologias inalâmbricas. Ainda conforme Haesbaert os objetivos da territorialização são: “abrigo físico (fonte de recursos materiais/ meio de produção); identificação de grupos de interesse por meio da espacialidade (fronteiras geográficas); controle por meio dos espaços individualizados; e construção/controle de conexões e redes (HAESBAERT, 2005: 6778).

A multiplicidade dos territórios, assim como os objetivos para sua territorialização, também implicam em novas percepções possibilitada pela velocidade de processamento de que lançam mão as pessoas, as coisas e as mensagens, o que nos

recorda, com Régis Debray de que “mídia, antes de ser comunicação, é espaço” (SANTOS, 2007, pág. 74). Tendo em conta de que o espaço é, para Santos, sinônimo de território usado (2000, pág. 2), aquele que leva em conta todos os atores nele envolvidos, podemos afirmar que o território “...distingue-se, certamente, em função de grau de fluidez entre coisas, objetos, mensagens. Então... somos capazes de participar da contemporaneidade simultânea. Antes havia a contemporaneidade, mas nós não participávamos” (SANTOS, 2007, pág. 75).

Neste ponto, apresentamos três recortes da multiterritorialidade, na perspectiva midiática: as rádios, as imagens e a história de vida. Esses recortes nos possibilitam refletir, muito mais que concluir, acerca da contemporaneidade e dos refugiados.

Rádio para refugiados

O rádio é sempre companheiro em qualquer lugar, dentro do carro, no trabalho, em casa, no smartphone, o ouvinte pode acessar, ouvir, se divertir, cantar, discordar sem precisar deixar o que está fazendo. Com a audição o rádio faz com que todos os outros sentidos trabalhem para ilustrar o que se ouve. Parceiro através de ondas eletromagnéticas o rádio traz entretenimento, educação, cultura, informação e estimula sensações para muitas pessoas ao mesmo tempo, despertando em cada um que ouve uma interpretação diferente.

Tavares (1999, pág. XI) cita que “o rádio tem uma responsabilidade muito grande no desenvolvimento educacional e cultural”, com a prestação de serviços o rádio devolve ao seu público uma programação de interesse em contrapartida à sua audiência. As transmissões de rádio são acessíveis para todos, independentemente de idiomas, classes sociais, raças, religiosidades, encurtando muros e fronteiras. Um projeto de comunicação em rádio para refugiados foi pensado em 2014 para atender as demandas de quem de alguma forma chegou à Alemanha, a *Refugee Rádio Network* que leva amparo, explicita histórias de vida, produz e reproduz notícias, eleva e estimula esta parceria emissor- receptor com a promoção do respeito, integração e solidariedade aos refugiados. No início do projeto a RRN transmitia com equipamentos e condições técnicas precárias na internet, com a demanda crescente a ideia imergiu

para o sinal aberto de radiodifusão, hoje funcionando em FM para várias cidades alemãs, com audiência média de 40 mil pessoas diariamente em Hamburgo. O projeto se concretizou dado ao interesse de três refugiados nigerianos que decidiram investir tempo e dinheiro com objetivo dar voz às pessoas que cruzam as fronteiras estimulando o diálogo, debate e intercâmbio cultural.

O nigeriano Larry Maculay, engenheiro e ativista político chegou à Europa juntamente com 1.355 refugiados e ao longo do tempo observou a rejeição aos deslocados taxados de pobres, terroristas, que poderiam ocupar os empregos dos nativos e ainda a discriminação dos veículos de imprensa tradicionais alemães que levavam informações desfavoráveis sobre os refugiados. Com foco na mudança desse paradigma juntou-se a dois amigos também descontentes e decidiram criar um caminho alternativo ao existente na mídia e que pudesse levar informações reais aos seus pares. Com o pressuposto de ter uma voz ativa de refugiados Maculay, Asuquo Udo e Sammies Bones criaram a primeira rádio para refugiados de grande alcance, a RRN, inicialmente difundindo a divulgação dos seus programas em inglês. A rádio cresceu, foi aceita e pode ser ouvida ao vivo de Hamburgo, Berlim, Marburg e Stuttgart. Ao longo da programação os integrantes colaboram com deslocados de muitas partes do mundo e com ajuda de voluntários que falam outras línguas conseguem transmitir reportagens gravadas em países como Itália, França, Líbano e Austrália aumentando assim seus vínculos. A dificuldade com a cultura e idioma e outros enfrentados pelos refugiados na comunicação, relacionamento com a comunidade e suas raízes tiveram lacunas preenchidas pela Refugee Rádio Network (RNN), referência entre os que procuram integração fora das suas fronteiras originais.

Segundo Nayana Amadeu, o crescimento da demanda de comunicação chegou a um programa mensal de televisão na internet com duração de 60 minutos, onde refugiados falam de suas vidas, de seus países de origem exemplificando suas lutas, recriando laços de contato em sua terra natal e formando uma rede de receptores envolvidos na mesma causa. Antagônico a esta abordagem da comunicação aos refugiados, no Iraque há milhões de pessoas deslocadas em acampamentos espalhados pelo país e a rádio Al-Ghad é parte importante na comunicação dentro e fora do território conflituoso e sem liberdade de expressão. Com suas vidas em risco e

desafiando o Estado Islâmico esta emissora é um espaço comunicacional da separação motivada por guerras e disputas religiosas. Com endereço anônimo, por razões de segurança, a rádio tem uma programação contrária ao imposto pelo Estado Islâmico, trazendo música pop, dicas de beleza, saúde e futebol dentro deste território. A emissão parte Erbil, capital do Curdistão iraquiano chegando até Mosul, cerca de 80km.

O projeto da rádio Al-Ghad é de 2105, iniciado meses depois da tomada de Mosul pelo Estado Islâmico e sua missão é ser mediadora da comunicação entre refugiados e também daqueles que por alguma razão não saíram de seu território. A rádio Al-Ghad transmite 24 horas por dia e um dos programas mais ouvidos é “eu sou cidadão” que interage com ouvintes e dá a eles a oportunidade da expressão. Assim como a rádio e seus funcionários, os ouvintes não se identificam devido à severidade imposta pelo regime para o uso telefone e sistemas de comunicação para falar com os meios exteriores, o extremo da punição é a morte. O perigo é eminente mas não impede que muitas pessoas liguem para desabafar, nos relatos gravados pode se ouvir: “estamos muito cansados dos bombardeios do Estado Islâmico.”, “estão bombardeando uma casa com famílias dentro”, “esperamos que em qualquer momento libertem Mosul”. Além do conforto trazido pelo rádio, também se presta serviço, incluindo orientações para o fogo amigo, com cuidados para não fazer parte da lógica da guerra que atinge inocentes.

Os refugiados chegam a seus destinos quebrando laços fraternos, fugindo de guerras e perseguições e na Alemanha a RRN e em Arbil a Al- Ghad são exemplos na assessoraria para refugiados, disseminando a promoção dos direitos humanos, reconciliação e luta contra a intolerância nas diferentes comunidades. A RRN e Al-Ghad são resilientes em seus propósitos de dar voz a quem precisa. O rádio já foi usado para comunicação em guerras e neste caso na tentativa da paz e conforto. A mensagem direcionada aos refugiados pelos criadores na emissora alemã é a de unir forças, de transformação libertadora, sendo o mesmo caminho da Al-Ghad: “Venha se juntar a nós para fazer uma mudança em nosso mundo, ame a liberdade, ame viver”.

3.A imagem dos refugiados Sírios no Brasil.

As imagens a seguir, participam da nossa pesquisa acerca dos refugiados, aqui o recorte territorial escolhido são as imagens dos Sírios no Brasil. Foram pesquisados sites por meio do buscador Google que, na ocasião, nos ofereceu um resultado de 3.940.000 possibilidades. Contudo, as pesquisas com o termo “refugiados no Brasil” resultaram em imagens do ano de 2015 e anteriores, apenas o site da ADUS repercutia, com fotografias, a Feirinha Étnica que promoveram em parceria com o Shopping 3 de São Paulo.

As imagens 1 e 2 foram extraídas do site da UNHR que apresentava matéria da jornalista freelancer radicada no Brasil, Jill Langlois e fotos de Gabo Mendes e descreve uma família com 11 refugiados contentes com a acolhida e o apoio dado pelo governo e povo do Brasil, desde o pedido de visto até o momento.



Figura 1 Hanan brinca com sua irmã Yara no corredor do andar em que moram em São Paulo. Foto Gabo Morales UNHCR. Fonte: <http://tracks.unhcr.org/2016/03/the-syrians-starting-over-in-brazil/>



Figura 2. Foto Gabo Morales. Hanan e sua irmã Yara. Foto Gabo Morales UNHCR. Fonte: <http://tracks.unhcr.org/2016/03/the-syrians-starting-over-in-brazil/>

A imagem 3 retrata a chegada de uma família Síria em Goiânia e aborda a ajuda que os Sírios e Libaneses tem dedicado aos refugiados chegados, assim como as dificuldades encontradas no país.



Figura 3 Família Síria em Goiânia. Foto Mariana Faria . Fonte <https://webnoticias.fic.ufg.br/n/80072-brasil-e-valvula-de-escape-para-refugiados-sirios>

As imagens 4 e 5 mostram refugiados Sírios no nordeste do Brasil. A primeira na Bahia com uma frase de agradecimento ao país escrita de modo bilíngue. Já a segunda foto registra um casal Sírio vendendo esfihas para poder sobreviver no Recife e foi veiculada pela Iberoamerica Central de Notícias e o destaque da matéria ficou por conta da falta de apoio do governo brasileiro para o aluguel e a vida na hora da chegada.

198



Figura 4 Agradecimento dos refugiados Sírios. Fonte: <http://www.fecbahia.com.br/brasil-acolhe-mais-refugiados-sirios-que-paises-europeus/>



Figura 5 - A síria Hanaa Nachawaty saúda os clientes em uma calçada onde ela e sua família de cinco pessoas vendem aperitivos árabes Fernando Frazão/Agência Brasil. Fonte: <https://www.icndiario.com/2015/09/21/refugiados-sirios-en-brasil-no-reciben-viviendas-ni-ayuda-estatal/>

A imagem 6 mostra um Sírio vendendo seus produtos na Feirinha Ética em Março de 2017, no Shopping Center 3 de São Paulo.



Figura 6 Feirinha Ética em parceria com o shopping Center 3/São Paulo. Março de 2017. Foto: Antônia Souza. Fonte: <http://www.adus.org.br/2017/03/evento-em-shopping-promove-integracao-entre-brasileiros-e-refugiados/>

A última imagem que escolhemos reporta ao painel de entrada do site Programa de Apoio para a Recolocação dos Refugiados – PARR. Esta imagem também nos remete à exposição ‘Nem amando-a, nem deixando-a’ (EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL...2016), na qual a obra Escala Cromática, do artista paulistano Felipe Cidade, apresentava imagens de passaportes de vários países dispostos em conjunto

por cores e tonalidades a indicar a unidade do humano, ao mesmo que também indicava a unicidade de cada sujeito. Assim, entendemos que poderia e/ou deveria ser com os refugiados, migrantes e deslocados.



Figura 7 - fotos de passaportes no painel do site Programa de Apoio para a Recolocação dos Refugiados – PARR.
Fonte: <http://refugiadosnobrasil.com/>

Entrevista

“O Brasil me acolheu e Sorocaba se tornou meu lar”

200

“Eu e minha família amamos nosso país, foi lá que nos formamos, lá estão nossas raízes e também nossos familiares”, assim inicia a conversa com Nomam Kaloussih (OLIVEIRA, 2017), um refugiado católico vindo de Aleppo, traduzida por seu chefe e amigo Sr. Emílio Sabeh. Ele chegou a Sorocaba há dois anos, a convite de um primo que reside na cidade, quando saiu da Síria trouxe consigo sua esposa, seus três filhos, a sogra, a cunhada e o cunhado.

Em seu relato Nomam diz que a decisão de deixar seu país não foi fácil, mas diante da situação em ver sua cidade destruída pelos bombardeios e pela segurança da sua família, optou por sair. É uma posição de fragilidade para a pessoa que não sabe o que vai encontrar pela frente, “tivemos sorte em ter esse nosso parente em Sorocaba, que nos ajudou muito em ceder sua própria casa até conseguirmos alugar a nossa, além de intérprete e amigo”. Ao falar sobre o apoio do governo brasileiro, ele lembra que a única coisa que o governo fez por ele e sua família foi facilitar a documentação pessoal de cada um, nada mais.

O que nos faz refletir sobre os direitos adquiridos pelos refugiados: eles tem direito a escola, mas não tem intérprete, tem direito a saúde, mas nos hospitais públicos também não tem intérprete, entre outras situações básicas do cotidiano que acabam se transformando em transtornos pela falta de domínio de nosso idioma.

A maior dificuldade para ele e a família ainda é a comunicação, ele fala pouco o português, sua sogra cunhada e esposa falam menos ainda, “não temos professores para nos ensinar o idioma, somente meu chefe e amigo é que entende a língua árabe, o pouco que sei aprendi com ele”. Essa dificuldade reflete no campo profissional, visto que a família não consegue arrumar emprego.

Nomam relata que ele e a família não sofreram nenhum tipo de discriminação no Brasil e não tiveram dificuldade em serem aceitos pelos brasileiros, “as pessoas só percebem que somos estrangeiros quando nos veem conversando em família, porque não nos vestimos com as roupas típicas do nosso país”.

Os filhos de Nomam foram matriculados nas escolas municipais e estaduais, “foi difícil por muito tempo, porque as crianças não entendiam nada, mas as professoras e a coordenação da escola fizeram o que puderam para vencer a barreira da comunicação. Hoje meu filho menor me corrige quando falo errado”.

O filho adolescente de Nomam não conseguiu se adaptar na escola, preferiu sair e estudar em casa via web com professores da sua cidade natal. Para ele a adaptação está sendo mais difícil por não conseguir falar o português não consegue fazer amigos e pensa em retornar para Síria.

A vida muda radicalmente em se falando de trabalho e subsistência, Nomam que era ourives em Aleppo e tinha uma vida tranquila financeiramente, hoje precisa manter sua família e despesas de aluguel com o salário de garçom, “é tudo muito caro no Brasil, eu estranhei bastante”.

O trabalho de Nomam em um restaurante árabe na cidade foi intermediado por seu primo, que conhecia o proprietário, “se não tivéssemos esse contato acredito que estaria em situação muito mais difícil agora. Antes de morrer a um ano, meu primo nos deixou tudo encaminhado na medida do possível”, lembra Nomam. No início do trabalho houve muita dificuldade, visto que ele não entendia nada, mas todos tiveram muita paciência com ele, inclusive os clientes. A relação de Nomam com o dono do

restaurante não é mais de patrão e empregado, percebe-se que se tornaram mais que amigos, são uma família.

Em relação à cultura brasileira, Nomam diz que fica admirado em ver que “podemos falar abertamente sobre tudo”, e que embora prefira a comida típica de seu país, diz que nossa comida é boa e chama atenção pelos variados temperos.

As conversas com os familiares em Alepo diminuem a saudade. A internet (que fica comprometida a cada bombardeio) é a principal forma de comunicação por ser mais acessível financeiramente, o whatsapp e Skype são as ferramentas mais utilizadas, quando a internet demora a voltar, a comunicação é feita por celular em ligação internacional.

O futuro para Nomam é incerto, ele não sabe se um dia conseguirá voltar para o Líbano. Aqui em breve ele pretende assumir um novo cargo, em uma empresa de exportação que está em fase de inauguração, para mandar os produtos da nossa região para a Síria, embora o proprietário fale bem árabe, não lê nem escreve, essa é a parte que Nomam vai assumir nessa mediação, o que pode lhe proporcionar um ganho maior para dar mais conforto à família. “Agora é viver o presente”.

Conclusão

O conceito de multiterritorialização com o qual iniciamos a análise da questão dos refugiados nos permitiu, no momento de refletir acerca das linguagens escolhidas (rádio, fotografias e história de vida), ampliar nossa percepção da realidade midiática dessa categoria social que povoa o imaginário público, ora com manifestações de apreço e apoio, ora com discriminações e incriminações como se fossem um problema a mais para a contemporaneidade.

As modalidades de rádios indicaram as múltiplas possibilidades de comunicação e integração que podemos desenvolver para estreitar os contatos e favorecer a humanidade, mesmo em situações limites como as dos campos de refugiados e as ditaduras.

As imagens, por exemplo, ficaram restritas ao ano de 2015, devido ao fato da metodologia escolhida optar por buscas no Google. Com isso, pudemos demonstrar

que a temática dos refugiados no Brasil já não está “tão em moda” em 2017, apesar dos problemas que eles continuam a vivenciar no país.

Por fim, a entrevista nos aproxima da temática e da concretude de uma experiência vivida, materializa a proposta de Santos para o território vivido, aquele em que todos os atores participam de maneira hegemônica ou não, como é o caso de Nomam Kaloussih. Contudo, se não é hegemônico no território, podemos chama-lo por seu nome, reconhecer a importância de sua origem e as alegrias e contradições no novo destino em que se encontra.

Referências

ADUS. Evento em shopping promove integração entre brasileiros e refugiados - Disponível em: <<http://www.adus.org.br/2017/03/evento-em-shopping-promove-integracao-entre-brasileiros-e-refugiados/>> Acesso em 12 de Mai. 2017.

APPADURAI, Arjun. **Soberania sem territorialidade**. Notas para uma geografia pós-nacional. Revista Novos Estudos CEBRAP, n. 49, 1989, págs. 33-49. Também disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/363238/mod_resource/content/0/8-Appadurai-notas_para_uma_geografia.pdf > Acesso em 10 de Mai 2017.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL DE FELIPE CIDADE. Disponível em <[Cidadehttps://comculturauniso.wordpress.com/2016/11/09/exposicao-individual-de-felipe-cidade/](https://comculturauniso.wordpress.com/2016/11/09/exposicao-individual-de-felipe-cidade/)> Acesso em 17 de Mai. 2017.

FARIA, Mariana. Brasil é válvula de escape para refugiados sírios. Disponível em <<https://webnoticias.fic.ufg.br/n/80072-brasil-e-valvula-de-escape-para-refugiados-sirios>> Acesso em 17 de Mai 2017.

FECBAHIA. Brasil acolhe mais refugiados sírios que países europeus. Disponível em <<http://www.fecbahia.com.br/brasil-acolhe-mais-refugiados-sirios-que-paises-europeus/>> Acesso em 17 de Mai. 2017.

HAESHAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESHAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade** in Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo, págs. 6774 – 6792.

IBEROAMÉRICA CENTRAL DE NOTÍCIAS. Refugiados sírios en Brasil no reciben viviendas ni ayuda estatal. Disponível em: <<https://www.icndiario.com/2015/09/21/refugiados-sirios-en-brasil-no-reciben-viviendas-ni-ayuda-estatal/>> Acesso em 17 de Mai 2017.

LANGLOIS, Jill. The Syrians Starting Over in Brazil. Disponível em <<http://tracks.unhcr.org/2016/03/the-syrians-starting-over-in-brazil/>> Acesso em 17 de Mai. 2017.

OLIVEIRA, Cida. Entrevista com Nomam Kaloussih. Realizada em Sorocaba em 06 de maio de 2017.

NA ALEMANHA RÁDIO CRIADA por refugiados agora transmite em FM. Disponível em: <<http://informabr.com/noticias/14266/na-alemanha-radio-criada-por-refugiados- agora-transmite-em-fm>> Acesso em 10 de Març. 2017.

PROGRAMA DE APOIO PARA A RECOLOCAÇÃO DOS REFUGIADOS – PARR. Disponível em: <<http://refugiadosnobrasil.com/>> Acesso em 17 de Mai 2017.

RADFORD, Talia. **Refugee camps are the "cities of tomorrow"**, says humanitarian-aid expert. Disponível em <<https://www.dezeen.com/2015/11/23/refugee-camps-cities-of-tomorrow-killian-kleinschmidt-interview-humanitarian-aid-expert/>> Acesso em 12 de Mai. 2017.

RADIO AL-GHAD O COMO BURLAR al estado islâmico en su terreno. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S3Npp4GJS5o>> Visualizado em 09 de Mai. 2017.

RED NACIONAL DE información. Registro único de víctimas (RUV). Disponível em <<http://rni.unidadvictimas.gov.co/RUV>> Acesso em 12 de Mai. 2017.

SANTOS, Milton. **Encontros**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

SANTOS, Milton. **O papel ativa da geografia**. Um manifesto. XII Encontro Nacional de Geógrafos. Florianópolis, julho de 2000.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou**. São Paulo: Harbra, 1999.

UNHCR/ACNUR. **Tendencias globales**. Desplazamiento forzado en 2015. Forzados a huir. Disponível em <<http://www.unhcr.org/5748413a2d9>> Arquivo pdf. Acesso em 10 de Mai. 2017.

UNHCR. **Inside the World's 10 Largest Refugee Camps**. Disponível em <<https://storymaps.esri.com/stories/2016/refugee-camps/>> Acesso em 10 Mai 2017.

Sobre o autor: Paulo Celso da Silva é doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, Pós Doutor pela Universitat de Barcelona (2001-2002) e Universidade Estadual do rio de Janeiro (2012). Professor nos cursos de Graduação da Universidade de Sorocaba. E-mail: Paulo.silva@prof.uniso.br

Sobre a autora: Aparecida M.R. Oliveira é mestranda do Programa de Pós Graduação em comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Professora nos cursos de Graduação da Universidade de Sorocaba. E-mail: aparecida.oliveira@prof.uniso.br

Sobre o autor: Luiz Carlos Rodrigues é mestrando do Programa de Pós Graduação em comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Técnico do Laboratório de Rádio da Universidade de Sorocaba. E-mail: Luizinho.rodrigues@gmail.com

Sobre a autora: Renata Puertas Ernandes é mestranda do Programa de Pós Graduação em comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Professora nos cursos de Graduação da Universidade de Sorocaba. E-mail: renata.ernandes@prof.uniso.br